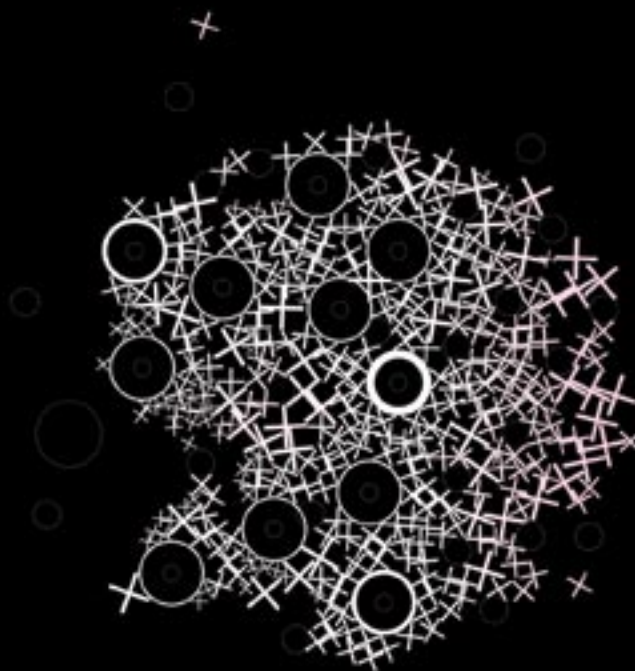


Michael Meredith

Arquiteto principal e fundador de MOS Architects. É Professor Assistente na Princeton University School of Architecture. Recebeu o seu Mestrado de Arquitetura com distinção pela Harvard Graduate School of Design, e ganhou a Frederick Sheldon Traveling Fellowship. Anteriormente, Meredith lecionou arquitetura na University of Michigan, onde recebeu a Muschenheim Fellowship, e na University of Toronto, onde foi cobeneficiário da bolsa da Canadian Foundation for Innovation, e também ocupou o cargo de Professor Associado em Arquitetura na Harvard University Graduate School of Design. Foi coordenador e curador da exposições Beyond the Harvard Box: The early works of Barnes, Franzen, Johansen, Lundy, Pei, Rudolph. Em 2003, foi residente no Atlantic Center for the Arts com Dave Hickey, e em 2000, completou a residência na Chinati Foundation em Marfa, Texas. Os seus textos têm sido publicados no ArtForum, Harvard Design Review, AD, e foi o editor do LOG 22, e From Control to Design: Parametric/Algorithmic Architecture publicado pela Actar em Barcelona.

Hilary Sample

Arquiteta principal e fundadora de MOS Architects. É Professora Associada da Columbia University GSAPP. Recebeu o seu Mestrado de Arquitetura pela Princeton University e o seu Bachelor of Architecture da Syracuse University. Em Princeton, foi distinguida com o Suzanne Kolarik Underwood Thesis Prize e foi finalista para a Skidmore, Owings and Merrill Traveling Fellowship. Deu aulas de projeto na University of Toronto, teve a Reyner Banham Teaching Chair na SUNY Buffalo, e foi Professora Associada da Yale University's School of Architecture. Tem sido MacDowell Colony Fellow, e foi bolseira do Canadian Centre for Architecture em Montreal. Os seus textos têm sido publicados em jornais como LOG; Praxis; Perspecta; Journal of the Society of Architectural Historians; e em livros como Imperfect Health, The Medicalization of Architecture; Post-Ductility; Building Systems: Design, Technology and Society. Colabora no Syracuse University Architecture Advisory Board e é membro do MacDowell Colony Board of Directors.



ENTREVISTA CONDUZIDA POR ALEXANDRA PAIO E BRIMET SILVA

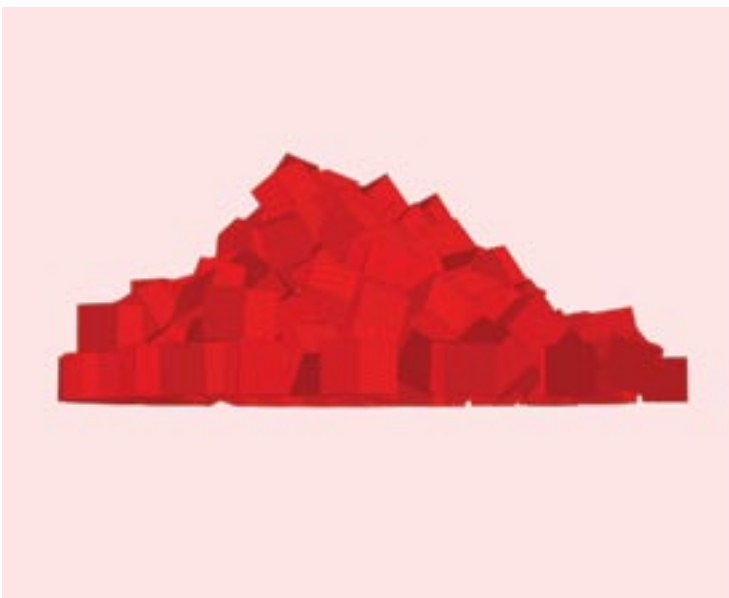
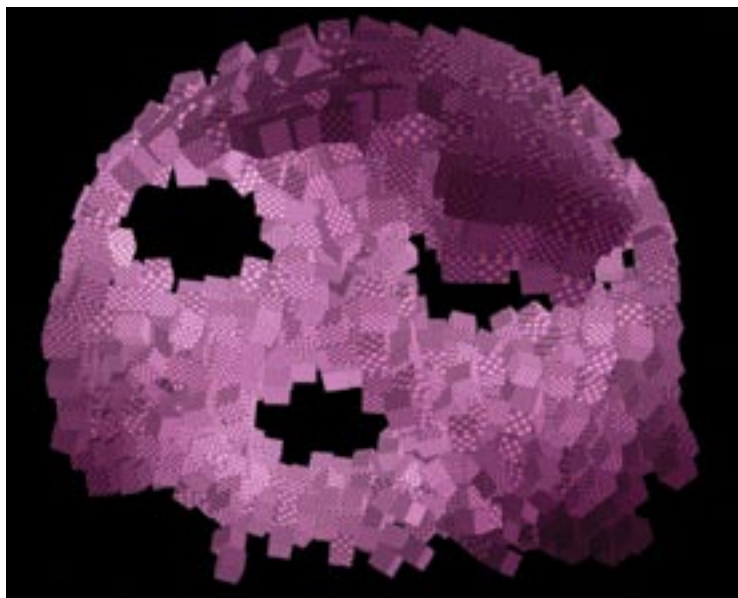
Como descrevem o vosso Atelier. Quem são os MOS? Um coletivo de arquitetos e designers? Um atelier-Laboratório? Um atelier paramétrico e interdisciplinar?

Michael Meredith / MOS

MOS é constituído por Hilary Sample, Michael Meredith e um grupo rotativo de colaboradores. Somos um pequeno escritório, mas já trabalhamos com cientistas informáticos (cientistas da computação) e matemáticos, integrados no nosso escritório. Desenvolvemos trabalho profissional em paralelo com investigação experimental, ou outros trabalhos

difíceis de classificar. Tipicamente desenvolve-se *software* que não é específico para um projeto, fazem-se filmes que são distintos da atividade profissional.

Sempre afirmámos que o papel destes projetos é produzir um tipo de cultura intrínseca ao escritório, uma cultura de jogo e experimentação que possa trazer benefícios para a atividade profissional. Dito isto, o nosso escritório é *work in progress*, reordenamos e brincamos constantemente com a sua estrutura, tentamos disposições e ideias diferentes sobre como deveria ser organizado. Mesmo que, por vezes, sejamos mesmo um escritório, esperamos não nos sentirmos como tal.



Vocês afirmaram numa entrevista ao site The creators project: “Não temos uma imagem estável do que faz um atelier de arquitetura ou como supostamente deve parecer... Nós estamos a desenvolver várias coisas como escrever softwares, fazer filmes, projetar instalações de arte, fazer arquitetura e projetos de investigação”. Poderiam partilhar connosco o vosso “modus operandi” e os processos digitais que utilizam?

Michael Meredith / MOS

Não temos um “modus operandi”... A ideia de definir o processo da arquitetura tem-nos interessado muito. O nosso último livro é sobre este mesmo tema. *Everything All At Once*. Na nossa opinião, a arquitetura é realmente maravilhosamente mal estruturada como profissão. É muito indefinida, e isto é a sua força e a sua fraqueza. Ultimamente, temos assistido a uma espécie de regresso ao “real” em que a tangibilidade do construído triunfa sobre a especulação do não construído, onde, na melhor das hipóteses, o discurso é trivial, e onde a representação da realidade nos dá uma prova irrefutável do conceito, sendo as fotografias e documentos técnicos de construção as nossas armas de eleição. O advento do BIM é desejável no sentido em que favorece a real eficiência que pode ser avaliada objetivamente, coordenando um rol de contingências arquitetónicas e especificações dos projetos. O ativismo extradisciplinar que promete um compromisso com o mundo ganha pontos em detrimento da (demasiado familiar) experimentação formal, mais egocêntrica.

A minha geração de arquitetos - a Geração da Prática - focou-se em abordar o “real”, evitando um discurso inquieto cultural a favor de manuais técnicos, dando privilégio a técnicas operativas sobre ficções narrativas, e a dados quantificáveis sobre retórica qualitativa. O significado torna-se de alguma forma mais relevante quando pode ser medido: é melhor desprovido de politicismos e de matéria de facto. As estatísticas e os dados de sondagens sobrepuseram-se por falta de outra ética disponível. A arquitetura tornou-se uma espécie de ciência social, adotando um modo fácil de positivismo tecnológico de forma a escapar à inquietação da produção cultural. O projeto deixou de se basear unicamente em ansiedades hiperbólicas da forma, onde práticas vanguardistas têm de procurar constantemente novos meios de fugir a estatutos e metodologias prévios. Hoje em dia, a arquitetura tem de entrar em maiores disputas que tratam o *software* como ferramenta necessária à construção de novos futuros em vez de inovação puramente visual. As anteriores gerações de arquitetos tiveram de escolher entre Arte e Vida, representação ou realismo, o que acreditamos ser uma escolha falsa e que já não é relevante dada a nossa imersão difusa nos “media”. A distinção entre arte e vida ou entre autonomia e heteronomia já não é linear, mas suavizada neste novo território em que trabalhamos. Desenvolver ambientes em *software* permite-nos continuar o mandato vanguardista da experimentação formal, conjurando novas formas de organizar matéria que nem é puramente artesanal, nem alvo de composição, mas ambas em simultâneo.



Na Bienal de Arquitetura de Veneza 2008, o arquiteto Patrik Schumacher apresentou um novo manifesto – “Parametricism as a Style”. Na vossa opinião quais são as consequências de operar segundo um estilo definido à priori? Parametric Design: Estilo ou processo?

Michael Meredith / MOS

Não temos qualquer problema com o estilo paramétrico, nem com o parametricismo como técnica. Usamos software paramétrico, em todos os projetos que fazemos, a várias escalas. A questão que temos com o manifesto de Schumacher é que apresenta o paramétrico como um projeto meta, autónomo e à margem da história. Assemelha-se aos argumentos de Peter Eisenman, sem o reconhecer. Da nossa perspetiva, o paramétrico é um estilo bastante histórico. Não se trata do Tractatus, de Wittgenstein. Há muitos que apresentam o paramétrico como sistema tautológico, um novo positivismo arquitetónico, mas é profundamente expressionista na tradição pictórica. Zaha era pintora e mais tarde tornou-se arquiteta.

No MOS, tentamos evitar o expressionismo em geral, embora partilhando as mesmas técnicas de Schumacher. Apesar de todos os problemas que temos com o seu livro, valorizamo-lo a um nível muito essencial. Por último, é um gesto generoso colocar um novo manifesto no mundo da arquitetura. Obriga-nos a todos a reagir e a definir o nosso sistema de valores como projetistas e simplesmente não podemos imaginar um mundo arquitetónico que se baseie num estilo totalista.

Se a arquitetura é, realmente, “música estática”, como Goethe a descreveu, então talvez nós, como arquitetos, não sejamos muito diferentes das bandas. Como músicos, produzimos estéticas, subjetividades momentâneas.

Alguns fazem melodias de folclore étnico, outros canções frontais de ativismo, outros preferem música rave ou techno; alguns preferem ambiental, outros virtuosismo técnico; outros gostam de letras, há quem prefira efeitos e padrões; alguns gostam de grandiosidade, outros de

ruído, etc... Cada género tem os seus entusiastas que se preocupam profundamente com o material, que se sentem emancipados ou liberados por ele. Para estes grupos, há uma música em particular que lhes soa bem ou é interessante e, como resultado, acreditam que a sua música é melhor ou mais significativa que as outras músicas. A qualidade estética da música produz círculos políticos, um exemplo do que Ranciere identifica como a habilidade da arte para “constituir um novo mundo coletivo” através da produção das suas próprias políticas. (pp.137)

A arquitetura, como a música, produz um grupo que diz para a aumentar e outro que diz para a diminuir/desligar, “isso não soa a música”. Estas subjetividades fabricadas são fugazes. Se a arquitetura, como a música, fosse momentânea, não poderia escapar ao seu momento, nunca poderia ser meta.

Por exemplo, temos interesse na maior parte da música techno. O techno é o equivalente ao Paramétrico. Usamos as mesmas técnicas para produzir barulho, erros, para perder o controlo em vez de orquestrar a sinfonia perfeita de geometria pirosa. Então se tivéssemos entrado numa nova era de nichos, onde não existisse um discurso dominante e estivéssemos todos alegremente separados, dentro dos nossos vários géneros específicos, em que nicho quereríamos ser colocados? Ou, se se trata de uma patologia, qual é a cura? Ao fim ao cabo, o trabalho em que estamos interessados é talvez algo que pode existir independentemente dos nichos, ou usa-os para construir uma outra frequência.

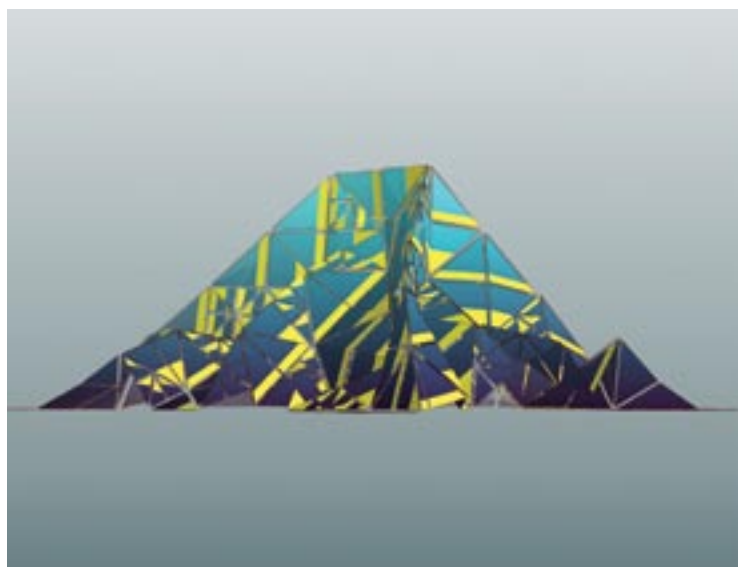
Se podemos generalizar sobre o período do modernismo como a busca pela unificação e se o período pós-modernista se pode caracterizar como instrumentalização da fragmentação e contradição, então esta nova ontologia, como foi descrita acima, pode ser classificada como uma estratégia de inclusão radical, alcançada através da suavização de ontologias paralelas por uma indiferença radical. Através desta suavização, os produtos da história podem misturar-se livremente, dando lugar a novas associações e estéticas imprevistas.

Da lista dos vossos projetos, quais aqueles que melhor exploram as seguintes áreas: estética formal, funcionalidade, dimensão sociocultural, novas materialidades, fabricação digital, design performativo e computacional?

Michael Meredith / MOS
Vamos deixar-vos decidir.

Relativamente a vossa mais recente publicação, "Everything All at Once: The Software, Architecture, and Videos of MOS", podemos ler no site oficial Princeton Architectural Press: "Everything All at Once é uma janela para a vanguarda arquitetónica de hoje e uma visão do atelier de arquitetura de amanhã. "O que nos têm a dizer acerca da vossa monografia?

Michael Meredith / MOS
Representa unicamente uma face do nosso trabalho, o software, os filmes, a pequena escala e os projetos



temporários. O objetivo do livro era questionar a especificidade do "medium" na arquitetura. A arquitetura tem uma vaga relação com o seu "medium". A arquitetura é entendida e projetada através do meio. O meio é o modo como conceitualizamos um projeto; é, em simultâneo, um suporte técnico e discursivo/conceptual. Os arquitetos não fazem edifícios; os arquitetos fazem representações de edifícios.

Assim, o "medium" arquitetónico é projetado e entendido pela representação de edifícios, com toda a indefinição inerente que tal implica.

Há quem argumente que o "medium" da arquitetura deveria ser pensado como geometria, outros dizem como espaço, outros como materiais, outros programa, estrutura, etc...

Apresentamos este argumento no nosso livro, por isso façam o favor de o ler! Estamos atualmente a trabalhar numa monografia que mostra os edifícios.

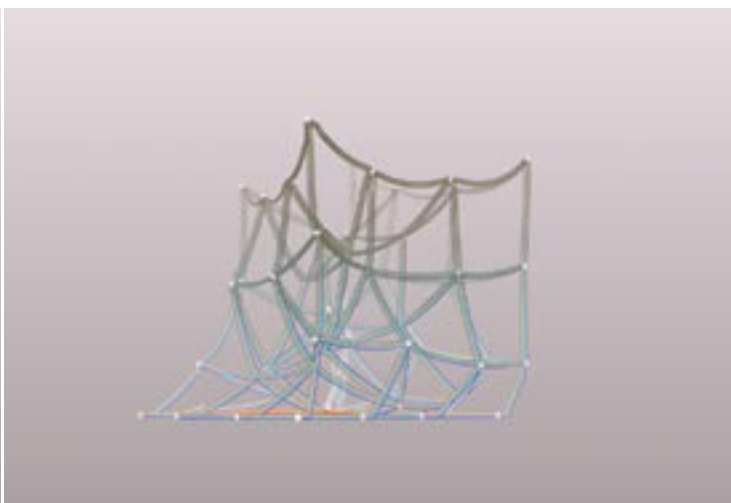
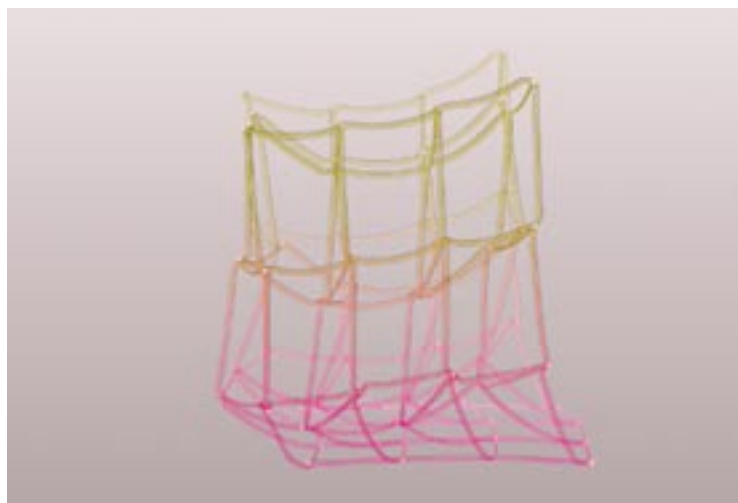


*O futuro é paramétrico?
Quais são as vantagens do design computacional e dos processos digitais no futuro da prática arquitetónica?*

Michael Meredith / MOS
Sim e Não. Vamos definitivamente usar ferramentas

paramétricas, mas não me parece que seja estilizado de uma forma "paramétrica".

Parece claro que os arquitetos terão de se tornar cada vez mais sofisticados com a sua relação com a computação. No futuro, Todos (não só os arquitetos) terão de saber como programar no futuro. Será tão necessário como a escrita.





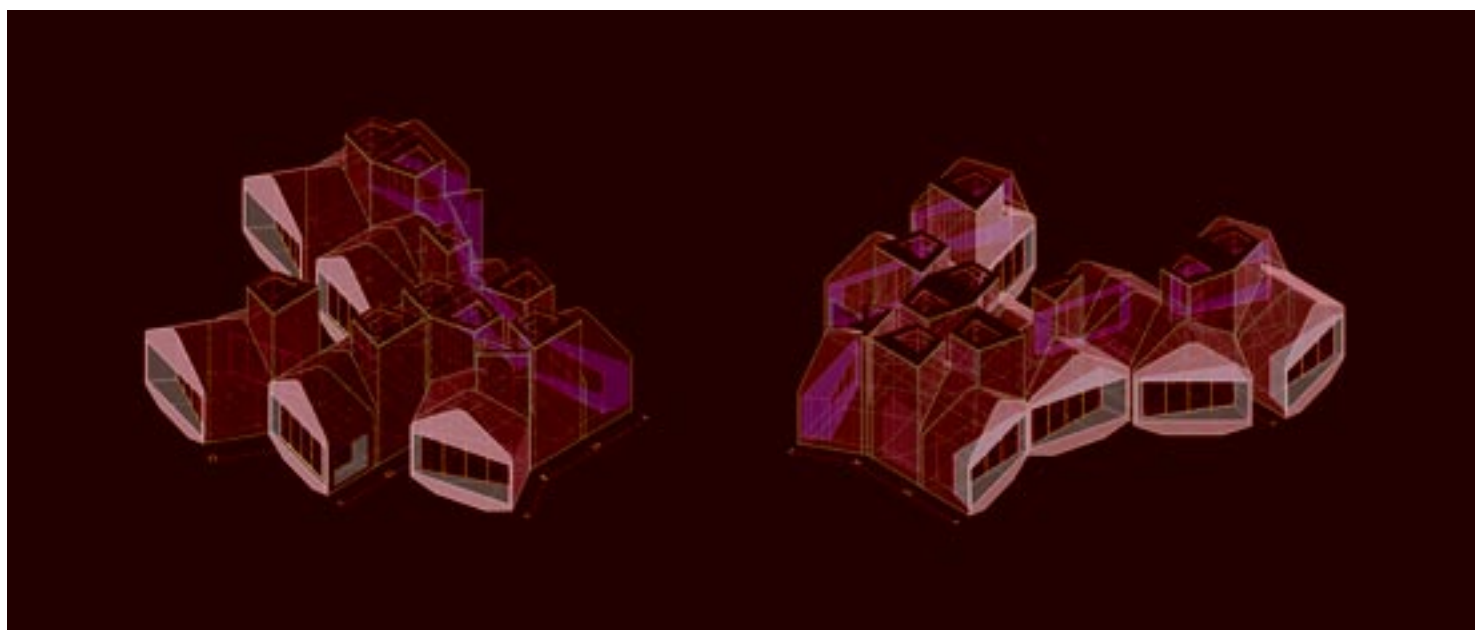
ELEMENT HOUSE

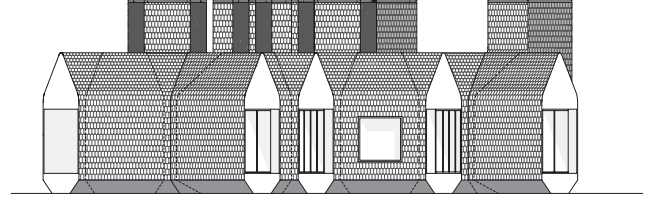
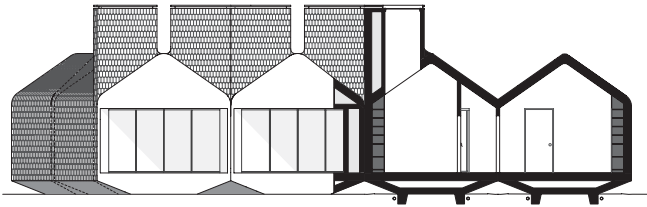
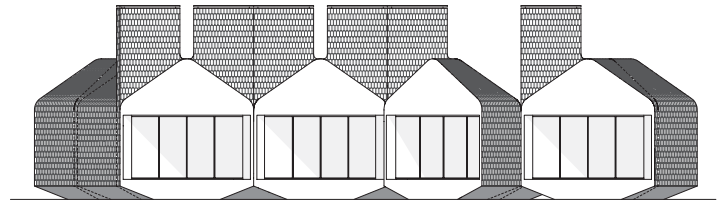
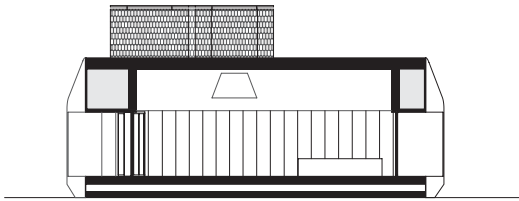
Considerada como “arquitetura para uma nova ecologia”, este projeto consiste num novo protótipo de espaço doméstico pensado através de um sistema de pré-fabricação não convencional. Partindo do arquétipo de casa para encontrar a sua forma: o paralelepípedo do corpo, o prisma triangular do telhado e a ideia de chaminé. A forma é extrudida, modulada e compartimentada através de um crescimento gerado segundo a sequência de Fibonacci, “uma descrição de padrões de desenvolvimento em organismos vivos.” Com a aplicação deste algoritmo matemático, MOS explora o potencial de formas recombinatórias em edifícios. Neste caso, um novo tipo de espaço doméstico é criado: uma

planta que fica em aberto, permeável a variações pela natureza da sua própria expansão.

Este projeto também reinterpreta o papel arquitetónico da lareira, MOS remove o “forno” por completo, substituindo-o por uma série de espaços vazios. A ausência da função de lareira transforma esse elemento num poço de luz, permitindo a iluminação e ventilação natural do interior. Este sistema, por ser descentralizado, oferece ao edifício diversas oportunidades para a iluminação natural, aquecimento e refrigeração. Como referem os arquitetos: “Estas chaminés vazias negam a tecnologia doméstica objetivada em favor de se concentrar nas qualidades atmosféricas latentes

e numa tecnologia ‘sem corpo’. Como discurso e prática arquitetónica vem estreitar as relações contingentes entre tecnologia e meio ambiente, a Element House demonstra uma outra relação, onde algumas coisas têm mais presença na sua ausência.” Através da reconfiguração de formas vernaculares, o projeto propõe, não apenas uma nova ideia da casa, mas também uma nova ideia de povoação. Podemos questionar onde acaba uma casa e começa a outra. Element House “expande-se e contrai-se segundo as necessidades” acolhendo grandes famílias ou múltiplas famílias num contínuo de espaços e recursos. Os módulos pré-fabricados estão limitados a uma implantação de 1.500m² no máximo.





0 5 10 20

